



Um inimigo implacável? As políticas e as ciências do fogo em Portugal (1900-1980)

José Miguel Ferreira (IHC NOVA FCSH /
IN2PAST), Inês Gomes (IHC NOVA FCSH
/IN2PAST) e Frederico Ágoas (CICS.NOVA)

*Paisagens de fogo: Uma história política e ambiental dos grandes incêndios
em Portugal (1950-2020). Ref: PTDC/HAR-HIS/4425/2021*

Da pena que aueram os que poem foguos.

DESENDEMOS que pessoa algua de qualquer qualidade, e condiçam que seja, nom ponha foguo em parte algua. E poendo-se alguu foguo em luguar de que se posla seguir dano, Mandamos aos Juizes, e Officiaes das Cidades, Villas, e Luguares onde se taes foguos aleuantarem, que acudam, e façam a elles acudir com muita diligencia, pera prestes se auerem de apagar, fazendo pera isto os constrangimentos, que lhes necessarios parecerem. E tanto que o foguo for apagado, se alguu dano teuer feito em paës, ou viñhas, ou oliuaes, ou em outras nouidades, ou aruores de fruto, colmeas, ou em coutadas de matos, e foueraes, paciguos, ou em outros aruoredos, quer sejam proprios dos Concelhos, quer baldios, os Juizes vam loguo com algumas pessöas, que nissò bem entendam, estimar o dano, que o foguo fez. As quaes pessöas feram ajuramentadas, que bem e verdadeiramente façam a dita extimaçam, fendo presente a parte, ou partes, a que o dano tocar, se em esse Luguar esteuerem, ou o Procurador do Concelho, se o dano outra parte nom teuer, da qual extimaçam daram certidam feita por Tabaliam publico aas partes que a requererem, e ao Procurador do Concelho, do que a elle tocar, a qual ferá assinada polos Auailiadores pera por ella cada huu requerer, e arrecadar a

- **1521:** "Defendemos que pessoa algua de qualquer qualidade, e condiçam que seja, **nom ponha foguo em luguar de que se possa seguir dano**";
- **1605:** "Mando e defendo que nenhuma pessoa, de qualquer qualidade, **ponha, nem mande por fogo** nas Montarias, Matas e Coutadas";
- **1751:** "Havendo no Pinhal algum incendio, mandará o Guarda Mor tocar o relogio (...) **para que com toda a pressa lhe assistão com tudo o que for necessário para se apagar o fogo**";
- **1824:** "Hum dos pontos que deve merecer a sua mais vigilante atenção **he evitar qualquer incêndio**, e remediallo, no caso que venha a suceder".

"Assim, do norte ao sul do Alentejo, assim como do leste ao oeste, a cultura pelo fogo, por roças e queimadas, era um sistema na verdadeira acepção da palavra. Não se tratava de um meio ocasional ou acessório de complementar a colheita, mas sim de **um modo de produção que ocupava um lugar central na vida agrícola**. De um aspecto central da mesma. E assim permaneceu muito para além do fim do Antigo Regime, até ao final do século passado".

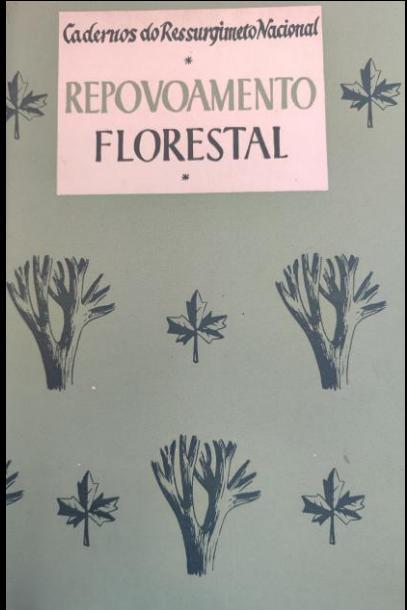
Albert Silbert, *Le Portugal méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime* (1966), p. 454



"Grande é a criação espontanea de chaparral d'azinho e sobre que apparece em todas as vertentes, ainda as mais ingratas; **mas o barbaro sistema das roças, moreias, e mesmo queima dos matos pelos pastores**, para obterem uma diminuta colheita de trigo ou centeio n'alguma chapada de melhor chão, ou para desembaraçar grandes superfícies para os gados pastarem, **destróe em poucos momentos o que tanto custa a obter em muitas localidades, aniquila completamente a prodigalidade da natureza n'este clima...**"

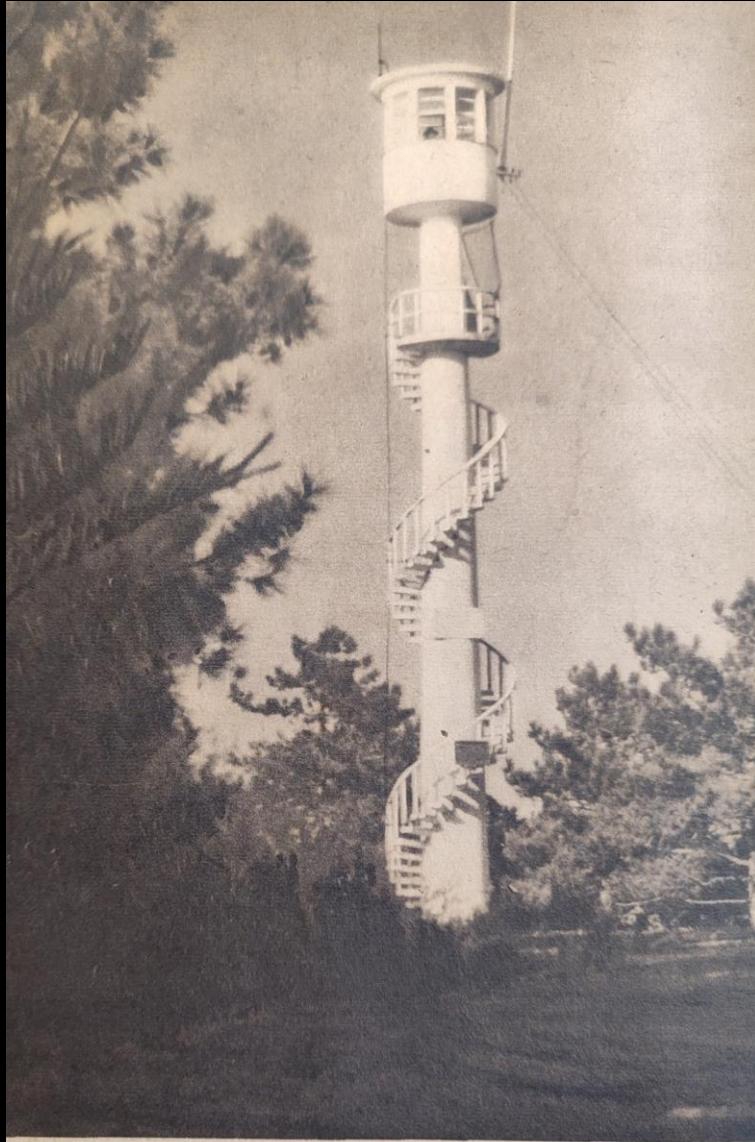
Ribeiro e Delgado, *Relatório Acerca da Arborisação Geral do Paiz* (1868)

Carta Agrícola e Florestal de Portugal (1910)



I

PORTUGAL, PELAS SUAS CARACTERÍSTICAS MESOLÓGICAS, É UM PAÍS ESSENCIALMENTE FLORESTAL.

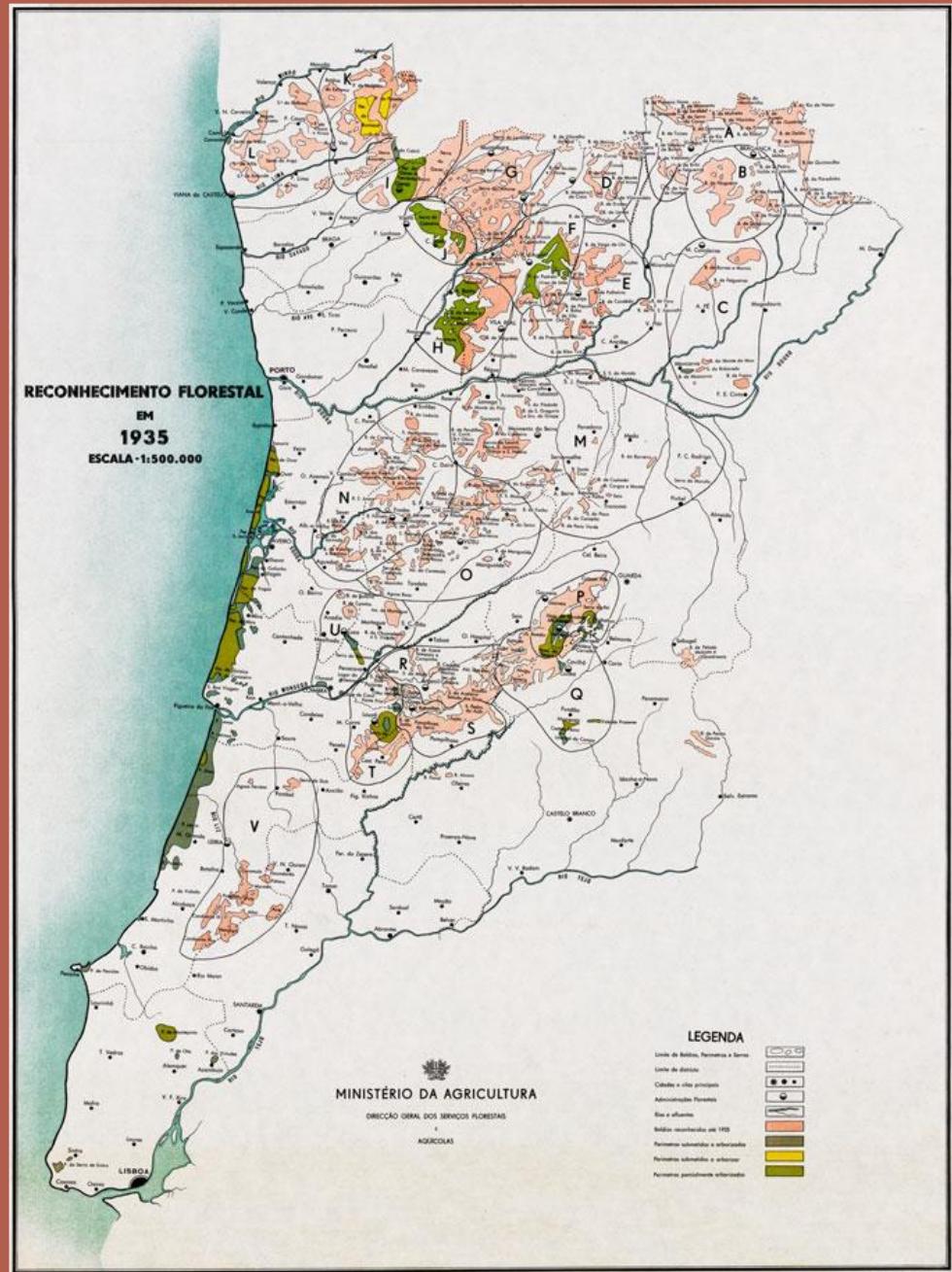


MATA DE LEIRIA — MARINHA GRANDE

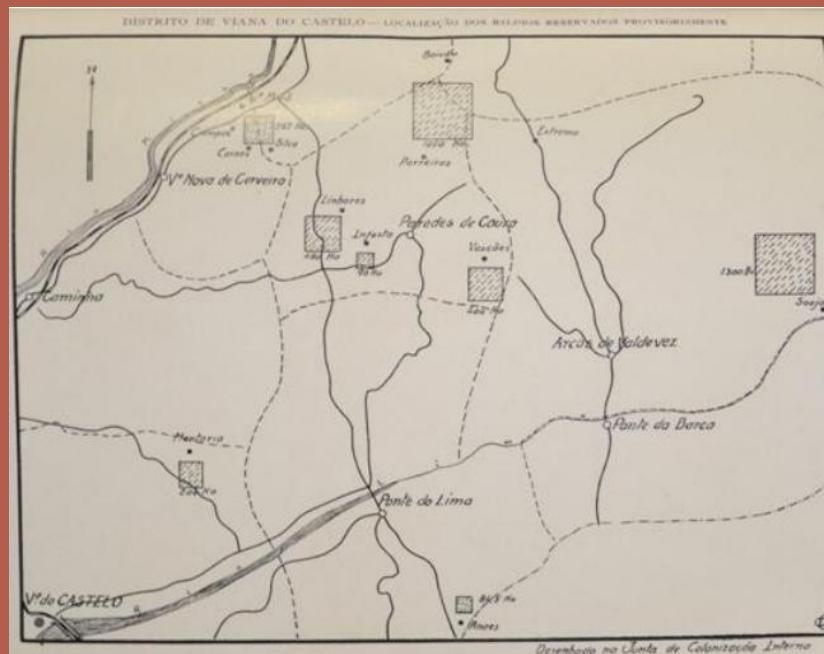
DEFESA CONTRA INCÊNDIOS: PÔSTO DE VIGIA — PROJECTO DO ENGENHEIRO SILVICULTOR MÁRIO DOS SANTOS GALLO.

|

**Criar uma floresta
sem fogo**



Arborização dos baldios, Serra do Soajo (c. 1933)



Carta dos baldíos demarcados provisoriamente, Distrito de Viana de Castelo (JCI, 1939)

"Das obras de reconstituição económica e defesa nacional que o Estado Novo empreendeu, o repovoamento florestal dos baldios e dunas a norte do Tejo é, sem dúvida, das mais fecundas e a que melhor serve à demonstração irrefutável de que a política actual é uma Política de Verdade, uma política atinente ao engrandecimento da Nação - e não à simples aparência para justificação de qualquer cousa mesquinha (...)

Todas essas características, juntamente com o egoísmo do público, em relação às descendências mais ou menos longínquas - a par de rotineiro temor quanto a possíveis modificações nos usos e costumes de certos habitantes - tornam esta obra para alguns pouco desejada ou, até, impopular".

"Repovoamento Florestal", em *Cadernos do Ressurgimento Nacional* (1945)

II

O fogo como problema nacional

A PREVENÇÃO DOS
FOGOS ESTÁ NAS
SUAS MÃOS



"TODOS PERDEM QUANDO
AS FLORESTAS ARDEM."

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS FLORESTAIS E AQUICOLAS
CIRCUISCRÍCAO FLORESTAL DE VILA REAL
CIRCUISCRÍCAO FLORESTAL DO PORTO

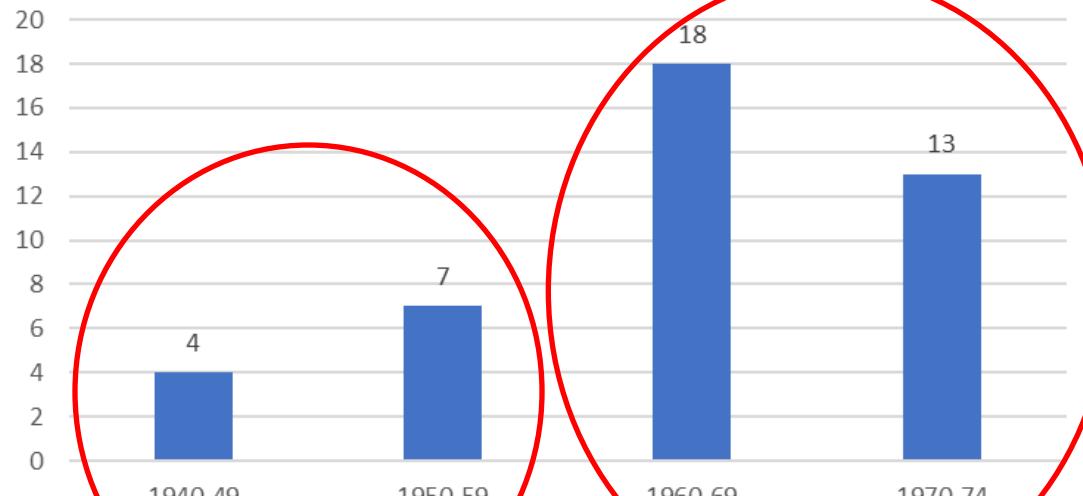
PRINCIPIOS BASICOS DE LUTA
CONTRA INCÊNDIOS NA FLORESTA
PARTICULAR PORTUGUESA

Trabalho inédito de

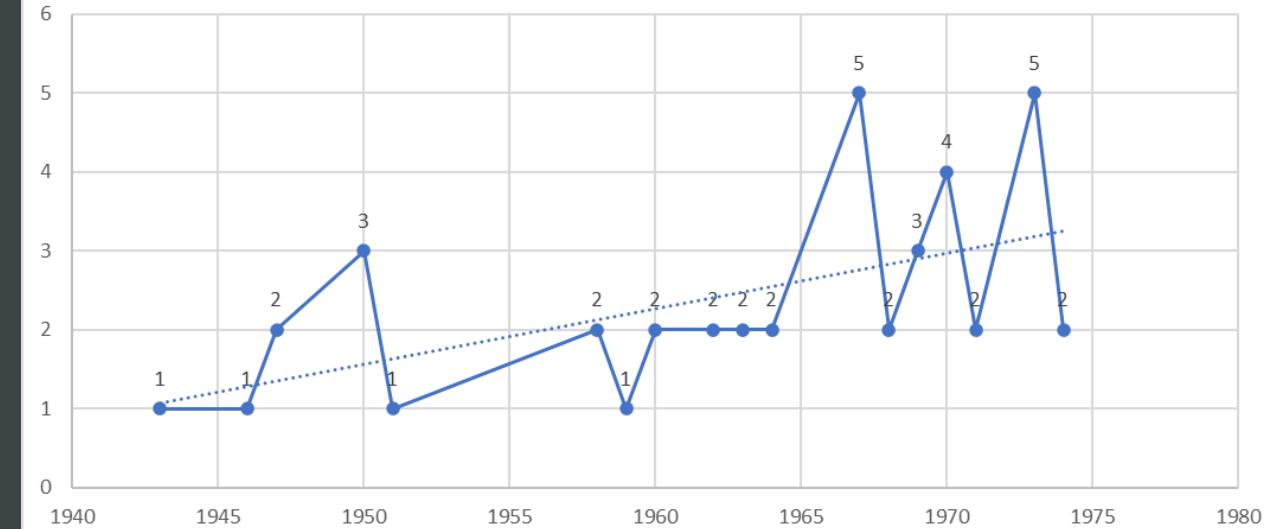
Vasco Quintanilha, Engº Silv.
Ernani José da Silva, Engº Silv.
José Moreira da Silva, Engº Silv.

PORTE, 1965

Sessões parlamentares em que foram debatidos incêndios florestais (por década)

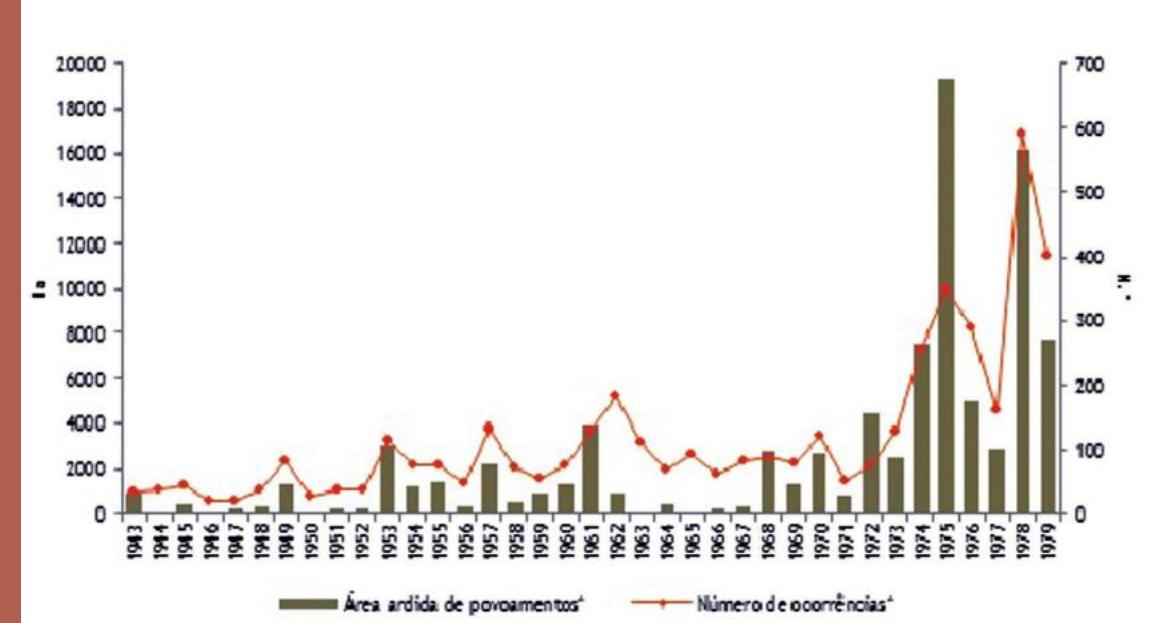


Sessões parlamentares em que foram debatidos incêndios florestais (por ano)



Keywords: “fogos florestais”, “fogo florestal”, “fogo controlado” “incêndio florestal”, “incêndios florestais”, “fogo AND floresta”, “fogo AND mata”, “incêndio AND floresta”, “queimada”

- **1945**, Serra da Lousã
- **1961**, Serra da Aveleira/Arganil
- **1961**, Vale do Rio/Figueiró dos Vinhos
- **1962**, Viana do Castelo
- **1964**, Boticas
- **1966**, Serra de Sintra
- **1966**, Serra de Monchique



Leite, Lourenço e Bento-Gonçalves (2014)



Aldeia de Vale do Rio (1961)

"A prevenção, a detecção e o combate a incêndios florestais revestem-se de extrema complexidade, dadas as suas múltiplas incidências. Esta a razão por que se reconhece, pelo menos em relação à propriedade florestal privada, a necessidade de uma acção concertada de diversas entidades, entre as quais os serviços florestais têm de desempenhar papel de capital importância (...)

Entretanto, não pode esquecer-se que a estrutura da propriedade florestal privada contribui de forma decisiva para aumentar a acuidade do problema. E, embora se possa entender que a defesa da floresta privada compete principalmente aos proprietários, **não oferece dúvida que toda a floresta representa uma riqueza nacional, que importa salvaguardar no seu conjunto, evitando também outras consequências que muitas vezes resultam dos incêndios florestais.**"

III

Uma recuperação científica do fogo?

"(...) a vaga de incêndios que, uma vez mais, percorreu no último Verão extensas áreas do património florestal português acarretou prejuízos materiais e sociais, diretos e indiretos, de vária ordem, em especial nas zonas deprimidas de minifúndio florestal a norte do Tejo"

Resolução nº 299/79 de 29 de dezembro sobre a Direcção-Geral de Ordenamento e Gestão Floresta

"(...) a nossa floresta tem vindo, anualmente, a ser devastada por incêndios e que os avultados prejuízos resultantes se cifram em centenas de milhares de contos de madeira ardida e num despovoamento que só pode ser recuperado ao fim de muitos anos."

Decreto-Lei nº 327/80 de 26 de agosto sobre a prevenção e deteção de incêndios florestais

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS PASTAGENS
SOB COBERTO DE FOLHOSAS

relatório de actividade do aluno estagiário do curso de
engenheiro silvicultor

LUISA FÁTIMA SARA DE BRAGANÇA

LISBOA/1979

Luísa Fátima de Bragança,
*Contribuição para o estudo das
pastagens sobre coberto de
folhosas(1979)*

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

O FOGO CONTROLADO
NA PREVENÇÃO
DOS
FOGOS FLORESTAIS

AMÂNDIO JOSÉ DE OLIVEIRA TORRES

Relatório de Actividade
do Estágio do Curso
de Engenheiro Silvicultor

LOUSÃ, 1979

Amândio José de Oliveira Torres, *O
fogo controlado na prevenção dos
fogos florestais*
(1979)

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

O USO DO FOGO CONTROLADO
NO MELHORAMENTO
DO
HABITAT CINEGÉTICO

ALBERTO JOSÉ DOS SANTOS MARQUES CAVACO

Relatório de Actividade
do Estágio do Curso
de Engenheiro Silvicultor.

LISBOA

Alberto José dos Santos Cavaco, *O
uso do fogo controlado no
melhoramento do habitat cinegético*
(1979)

ALGUNS ASPECTOS ECOLÓGICOS E SOCIAIS RELACIONADOS
COM O FOGO

J. MOREIRA DA SILVA

Todos sabemos que a floresta natural "não arde" o que quere dizer que ela tem em si a capacidade da sua própria defesa e recuperação. Na floresta de caducifolias a humidade que lhe está associada e a

"(...) terá de ser recuperada, à custa de exaustivos inquéritos junto dos pastores e agricultores mais idosos (o tempo urge...) **a ancestral prática cultural da utilização do fogo frio, para eliminar os perigosos fogos selvagens de verão.**"

Por razões de diversa ordem (e não cabe aqui discutir se deverá ou não ser revista esta opção) fomos "empurrados" para a utilização, em larga escala, duma especie exótica - pinheiro bravo - especialmente sensível ao fogo e isto agravado pelo facto de no nosso país se verificar um elevado perigo de incêndio durante o verão pois às temperaturas mais elevadas correspondem fracas pluviosidades e baixas percentagens de humidade relativa do ar. É com esta realidade que

Obrigado!